

A OBRA PRIMEIRAS NOÇÕES DE
GEOMETRIA PRÁTICA DE OLAVO
FREIRE: A MÃO DO AUTOR E
MENTE DO EDITOR

MÁRCIO OLIVEIRA D'ESQUIVEL

A OBRA PRIMEIRAS NOÇÕES DE GEOMETRIA PRÁTICA DE OLAVO FREIRE: A MÃO DO AUTOR E MENTE DO EDITOR

*CIRCULATION OF INTERNATIONAL PROPOSALS ON THE TEACHING OF GEOMETRIC KNOWLEDGE:
Rio de Janeiro and São Paulo, late nineteenth century.*

Márcio Oliveira D'Esquivel

RESUMO

O presente artigo analisa os processos que engendraram a produção editorial do livro *Primeiras noções de geometria prática* de autoria de Olavo Freire. Consideramos para produção deste trabalho os aspectos diversos que concorreram para o nascimento da obra, buscando entender como as relações estabelecidas entre autor, editor e instituições participaram da sua produção e circulação. De maneira específica tomou-se para análise os contratos editoriais estabelecidos entre a livraria Francisco Alves e o autor Olavo Freire. Como pressupostos assumem-se os estudos que tomam o livro como objeto de investigação, dentre os quais, os trabalhos de Roger Chartier para o qual livros não existem fora de sua materialidade e a forma como estes chegam ao leitor participam da própria composição da obra. Os resultados apontam para possibilidade de que a ação estratégica do editor se constituiu em fator decisivo para a grande circulação e longevidade da obra e que processos editoriais que transformam escritos em produtos participam a sua maneira da própria escrita do livro.

Palavras Chaves: Livro didático; Livraria Francisco Alves; Geometria; Matemática.

ABSTRACT

The present article analyzes the processes that generated the editorial production on the book *Primeiras noções de geometria prática* by Olavo Freire. We consider for the production of this article the diverse aspects that contributed to the birth of the book, trying to understand how the relations established between author, publisher and institutions participated in its production and circulation. Specifically, the editorial contracts established between the publisher Francisco Alves and the author Olavo Freire were analyzed. It adopts as presuppositions the studies that take the book as object of investigation, among which, the studies of Roger Chartier for which books, do not exist outside its materiality. The results point to the possibility that the strategic action of the publisher Francisco Alves was a decisive factor for the great circulation and longevity of the work and that editorial processes that transform writing into products participate in its own way of writing the book.

Keywords: Textbook; Publisher Francisco Alves; Geometry; Mathematics.

INTRODUÇÃO

Os autores não escrevem os livros, nem mesmo os próprios. Os livros, manuscritos ou impressos, são sempre o resultado de múltiplas operações que supõem decisões, técnicas e competências muito diversas (CHARTIER, 2014, p. 27).

Pode-se ler na história imemorial dos escritos o desejo humano de perpetuação de sua presença, seus modos de saber e de fazer, suas cosmogonias. Os símbolos, todas as espécies deles, em certa medida, viajam no tempo. Dão-nos a conhecer pessoas, cenários, ideias e as dinâmicas que marcam as relações humanas. Não isentos, posto que contextuais, escritos considerados em sua historicidade, são expressões dos processos complexos de sua produção.

A história dos escritos produzida no contexto dos ensinamentos, não diferentemente, seja no âmbito restrito de transmissão de habilidades ocupacionais particulares, seja no âmbito da massificação da instrução, participa do próprio processo de singularização do espaço escolar. Escritos, no contexto do ensino escolar, assumem historicamente as características que definem este espaço a cada tempo. As características que definem textos escolares, por essa mesma razão são múltiplas e as fronteiras que os separam de outros escritos, são tênues (CHOPPIN, 2009).

O reconhecimento da sua importância não será a mesma em qualquer tempo. A disseminação da educação elementar, o surgimento de instituições de ensino de referência, o capitalismo emergente da segunda metade do século XIX e com ele os interesses comerciais das editoras, são fatores que participam da valorização do livro escolar como produto cultural. Alguns desses aspectos constituem objeto de análise neste trabalho.

No caso brasileiro os primeiros livros escolares foram publicados no início do século XIX, sobretudo em atendimento aos interesses do governo de dotar a então colônia portuguesa de conhecimentos relacionados às áreas de economia, política,

geografia, agrimensura, medicina, saúde pública, desenho e astronomia. Estes dois últimos, compunham matérias do currículo da Academia Militar. Para o seu ensino, obras de matemática e geometria (HALLEWELL, 2012).

A Impressão Régia¹ assumia o monopólio da produção de livros escolares no Rio de Janeiro. As obras que circulavam na capital da colônia, em sua grande maioria eram obras francesas ou adaptações dessas. O ensino primário por essa ocasião ainda era pouco desenvolvido em terras coloniais e a instrução secundária funcionava em aulas avulsas². As obras visavam principalmente o atendimento do ensino superior: a Academia Militar no Rio de Janeiro, as faculdades de Medicina no Rio de Janeiro e Salvador e as faculdades de Direito de Olinda e São Paulo (HALLEWELL, 2012).

Para este contexto de instrução pública, o mercado dos livros escolares não se constituía ainda um ramo economicamente promissor. A descentralização da instrução pública que transfere para as assembleias provinciais em 1834 a responsabilidade pela instrução pública e a criação em 1837 do Colégio Pedro II na capital, como escola secundária modelo, parece inaugurar uma nova fase no mercado editorial brasileiro. Embora, registra-se a publicação de livros escolares em contextos locais nas províncias, são as obras e autores adotados no Colégio Pedro II que despontam como referência nacional para o ensino. O interesse comercial pela publicação dessas obras impulsionam as disputas entre as editoras e o desenvolvimento do mercado do livro escolar na segunda metade do século XIX.

É neste cenário que ganham notoriedade no país três importantes casas editoriais, as livrarias: Garnier, do francês Baptiste Louis, é a primeira depois da Impressão Régia a aventurar-se comercialmente na produção de livros escolares no Brasil. (HALLEWELL, 2012); Laemmert, do belga Jean Baptiste Lombaerts, a esta

1 A Impressão Régia do Rio de Janeiro foi criada pelo decreto de 13 de maio de 1808 para dar continuidade na nova sede do império português ao trabalho executado pela sua homônima lisboeta. Estava subordinada à Secretaria dos Negócios Estrangeiros e da Guerra, então sob a responsabilidade de d. Rodrigo de Sousa Coutinho. A nova tipografia é criada em um momento no qual o projeto de reforma do império se transforma em um projeto de construção de um novo império português na América, posto em prática com a transferência da Corte. Frente às tensões políticas que essa nova situação criava, a tipografia atuou na legitimação e sustentação daquele projeto político. Dessa forma, a sua função cultural de difundir o conhecimento das Luzes na nova sede do império português se apresentava ao mesmo tempo como uma função política. (BARRA, 2015, p. 446).

2 A Lei nº 16, de 12 de agosto de 1834 confere às Assembleias Legislativas Provinciais o direito de legislar sobre instrução pública, exclui, no entanto, da competência das províncias a criação das faculdades de medicina, dos cursos jurídicos, das academias e de outros estabelecimentos que fossem criados por lei geral. Por essa ocasião eram ministradas nas províncias as chamadas aulas avulsas destinavam-se principalmente ao preparo de candidatos para escolas superiores. O ensino secundário reduzia-se assim, a um punhado de aulas avulsas de latim, retórica, filosofia, geometria, francês e comércio. (HAIDAR, 2008).

editora vincula-se dentre outras publicações didáticas, a obra *Aritmética* de C. B. Otonni³, livro de grande sucesso editorial; e por fim, a Francisco Alves, primeira livraria que realmente fez da produção editorial de livros escolares sua principal fonte de rendimentos (HALLEWELL, 2012).

As estratégias comerciais de ampliação do mercado, a rede de relações estabelecidas com personalidades influentes de seu tempo, as formas contratuais estabelecidas com autores, dentre outros fatores, são indícios de que a Livraria Francisco Alves inaugura um novo tempo na produção editorial do livro escolar no país. São os aspectos relacionados à atuação editorial da Francisco Alves que se constituem objeto de discussão desse artigo.

De maneira específica apresentam-se neste trabalho os resultados das análises que buscaram investigar as relações entre a atuação da Livraria Francisco e a circulação do livro *Primeiras Noções de Geometria Prática* de Olavo Freire, 2ª edição publicada por essa editora em 1894. A investigação sobre a longevidade dessa obra, cujas reedições alcançaram os anos 1960, ensejaram as questões que motivaram as análises produzidas neste trabalho, a saber: quem foi Olavo Freire, autor de livros escolares? Quem foi Francisco Alves e quais fatores levaram esse livreiro a se tornar um dos maiores editores de livros escolares na primeira metade do século XX? Em quais termos se estabeleciam as parcerias editoriais entre o livreiro Francisco Alves e seus autores? Em específico, quais relações sociais e profissionais existiram entre Olavo Freire e o editor Francisco Alves?

Estudos preliminares indicavam que a *expertise* profissional do livreiro Francisco Alves estava entre as razões do seu sucesso como editor. Via de regra os autores de livros escolares publicados pela Francisco Alves já gozavam de certo reconhecimento social ou já tinham obras publicadas em editoras de menor porte, e nestes casos, direitos autorais ou até mesmo as próprias editoras eram adquiridas pela Francisco

3 A respeito dessa obra há um interessante relato de Laurence Hallwell retirado da autobiografia de C.B. Otonni que é revelador dos bastidores da produção editorial. Escreve Hallwell que “De acordo com a autobiografia do autor as duas primeiras edições (de mil e cinco mil exemplares respectivamente) foram publicadas por sua própria conta e granjearam muito sucesso, até que surgiu o boato que dom Pedro II desaprovava a obra. Temeroso de que isso pudesse prejudicar as vendas, apressadamente vendeu os direitos autorais a Laemmert por ‘apenas’ (!) 4:000\$000, em 1862 no entanto as vendas das obras continuaram em ritmo excepcional” (HALLEWELL, 2012, p.265-266)

Alves (BRAGANÇA, 2016). Este trabalho procura analisar em que medida tais indícios da atuação da livraria Francisco Alves participaram da trajetória de produção e circulação da obra *Primeiras Noções de Geometria de Prática* de Olavo Freire.

OLAVO FREIRE: A “INVENÇÃO” DO AUTOR

A pista inicial que nos remete a referências sobre o autor Olavo Freire pode ser lida no prefácio que acompanha a obra *Primeiras Noções de Geometria Prática*. Assina o texto introdutório do livro, Menezes Vieira⁴, a quem Olavo Freire dedica a obra. Escreve Menezes Vieira no Prefácio da obra: “Na verdade, meu amigo, *la geometrie du bon sens*, a geometria realmente descriptiva e intuitiva é a unica que deve ter direito de entrada nas escolas primarias” (FREIRE, 1894, p. 6).

Não obstante as advertências feitas à obra, o prefácio de Menezes Vieira permanece como texto de abertura pelo menos até os anos 1940, quando a obra propõe-se a atender aos alunos das escolas profissionais e técnicas.

Episódios importantes que marcam a trajetória de formação e atuação profissional de Olavo Freire aparecem ligados diretamente à figura de Menezes Vieira. Seu desempenho como aluno do Colégio Menezes Vieira chama, desde cedo a atenção do diretor e fundador da escola, a ponto de figurar no relatório de atividades da escola em 1885.

Olavo Freire ministra oficina no curso profissional para outros alunos da escola. Sua condição é a de “aluno elevado à categoria de mestre”⁵. Função atribuída pelo seu bom desempenho escolar. Na ocasião deveria ter aproximadamente 16 anos.

Posteriormente, já em 1890 assume a função de Conservador do *Pedagogium*⁶,

4 Joaquim José de Menezes Vieira (1848-1897), médico e educador, fundou e dirigiu o Colégio Menezes Vieira, no Rio de Janeiro, de 1875 a 1887. Neste estabelecimento, cria o primeiro jardim de infância do Brasil - Jardim das Crianças - em 1875, sendo dirigido por sua esposa D. Carlota Menezes Vieira. Durante anos, foi professor de linguagem articulada no Instituto de Surdos-mudos. Também atuou na Escola Normal da Corte como professor de Medicina Doméstica. Participou das Conferências Pedagógicas da Glória; da Exposição Pedagógica e do Congresso de Instrução Pública (1883), tendo recebido inúmeros prêmios; da Exposição Universal de Paris (1889); das exposições escolares (1884-1887). Foi membro de várias associações: Associação Mantenedora do Museu Nacional; Liga do Ensino; Associação Promotora da Instrução; etc. Fundou e dirigiu o *Pedagogium* (1890-1897). (BASTOS, 2000).

5 Relatório do Colégio Menezes Vieira elaborado por Joaquim José Menezes Vieira por ocasião do encerramento dos trabalhos letivos do ano de 1885

6 Criado pelo decreto nº 980, de 1890 foi uma medida de Benjamin Constant, enquanto titular do Ministério de Instrução Pública. Cumpria ao *Pedagogium* conforme texto oficial, a missão de “ser um centro impulsor das reformas e melhoramentos de que carece a instrução nacional, oferecendo aos professores públicos e particulares os meios de instrução profissional de que possam carecer a exposição dos melhores métodos e do material de ensino mais aperfeiçoado. Disponha de gabinetes e laboratórios de ciências físicas e naturais, coleção de materiais e modelos concretos para o ensino. Entre suas ações estava a de sediar exposições permanentes do Museu pedagógico e exposições escolares anuais. Vincula-se ao *Pedagogium* a publicação da Revista Pedagógica, periódico que se constituiu, no início do século como o veículo de circulação da pedagogia oficial da república (BASTOS, 2000, p. 97).

órgão da administração pública do qual Menezes Vieira foi fundador e diretor. Seu papel assemelha-se a de um gestor cuja responsabilidade é gerenciar as atividades do museu pedagógico, zelar pela manutenção do acervo, organizar as exposições e ministrar cursos a professores primários. Substitui em algumas ocasiões Menezes Vieira na direção. Ambos são autores de livros escolares pela Livraria Francisco Alves, papel também desempenhando por outros membros da diretoria do *Pedagogium*.

A partir de tais indícios, não é demais supor que a relação de amizade entre Menezes Vieira e o editor Francisco Alves, dado apontado por Hallwell (2012), tenha contribuído efetivamente para a “invenção” do autor de livros escolares, Olavo Freire. Suas obras editadas pela Francisco Alves foram publicadas a partir de sua atuação no *Pedagogium*.

A trajetória de Olavo Freire ainda registra a atuação como professor de Trabalhos Manuais na escola São José e na Escola Normal do Distrito Federal, além de professor em escolas primárias do estado Rio de Janeiro. Mas, é possível estimar que sua nomeação para conservador do *Pedagogium*, represente um marco distintivo de sua trajetória de professor e escritor de livros escolares. Sobre o papel desenvolvido por esse organismo à época, escreve Bastos:

O Pedagogium ministrava cursos e conferências, que versavam sobre métodos de ensino e sobre ciências matemáticas, físicas e história natural, disciplinas cujo conhecimento é indispensável aos professores, para o perfeito desempenho dos programas escolares modernos. A ênfase no conhecimento científico, tanto nos cursos e conferências como nos gabinetes e laboratórios implantados, refletia a modernidade pedagógica republicana, [...] também promove exposições escolares anuais. Essas exposições [...] são uma interessante cartografia do que era ensinado, no currículo escolar, e do que era valorizado para ser mostrado (BASTOS, 2000, p. 98-99).

Entre as ações do *Pedagogium* estava a publicação da Revista Pedagógica, editada pelo livreiro Francisco Alves. Compunha o editorial desse periódico, sessões que informavam sobre os atos oficiais, indicavam livros aprovados pelo Distrito Federal, vinculavam notas sobre exposições universais. Em umas das sessões, nomeada de

“Crônicas do Exterior”, os leitores tomavam contato com materiais, métodos, livros e ainda inovações educacionais que circulavam em outros países, algumas das quais trazidas por professores brasileiros em missão de estudos.

A circulação cultural de objetos, pessoas, obras, materiais pedagógicos que pressupunham as atividades do *Pedagogium* possivelmente contribuiu para que Olavo Freire pudesse construir seu repertório de escritor escolar. Sua produção para escola elementar é diversificada, abrange geografia, aritmética, trabalhos manuais, geometria, confecções de mapas, cadernos de desenhos e caligrafias, todas publicadas pela Livraria Francisco Alves, algumas dessas obras alcançam grande sucesso editorial.

Nas primeiras décadas do século XX a livraria Francisco Alves tornar-se-á uma das principais casas editoriais de livros escolares no país (HALLWELL, 2012). Seus autores são estrategicamente pinçados entre personalidades de notório reconhecimento público e atuação no campo educacional. É, sobretudo pela atuação desse editor, que são disseminados pelo país os modelos de ensino de matemática adotados no Colégio Pedro II. Muitos dos livros de aritmética, álgebra, geometria adotados naquele colégio tiveram suas obras publicadas pela Francisco Alves, entre eles, os livros de Cristiano Benedito Ottoni, Aarão e Lucano Reis, João José Luiz Vianna, Timotheo Pereira. Autores clássicos da literatura escolar de matemática por anos.

Os contratos firmados entre o editor e os autores são diversificados e merecem estudos a parte. Eles não só são fontes para se conhecer aspectos importantes da política editorial como registram o tratamento dispensado pela sociedade aos produtores de cultura (BRAGANÇA, 2016). Os contratos ainda revelam nuances da disseminação dos saberes e em certa medida, dão-nos a conhecer elementos da “caixa preta” que é o processo de produção dos livros escolares.

Aníbal Bragança, em sua obra *Rei do Livro*, aponta três formas de contrato estabelecidas pela livraria Francisco Alves e seus autores; a forma de “parceria”

nos lucros; o contrato com direitos autorais com base em percentuais sobre o preço de catálogo dos livros; e a cessão definitiva dos direitos ou contrato de venda da propriedade plena dos direitos autorais. É possível que as formas contratuais estabelecidas pelo o editor e os autores tenham implicações diretas na produção e circulação de certas obras.

No caso Olavo Freire, e em específico da obra *Primeiras Noções de Geometria Prática*, a análise das condições contratuais estabelecidas entre o autor e o editor Francisco Alves lança luzes sobre algumas questões não esclarecidas a respeito da circulação da obra, assunto que discutiremos nos próximos tópicos.

A LIVRARIA FRANCISCO ALVES E AS ESTRATÉGIAS COMERCIAIS: O LIVRO COMO PRODUTO CULTURAL

De maneira geral é possível creditar muito do sucesso editorial das obras publicadas pela Livraria Francisco Alves às estratégias comerciais do seu editor e proprietário, Francisco Alves d'Oliveira. Sua importância no mercado editorial, atuação que levou a livraria quase a obter o monopólio no campo do livro didático brasileiro nas primeiras décadas do século XX, tem sido tema dos estudos que tomam o livro e as edições didáticas como objeto de investigação⁷.

É possível que, a intensificação da atuação da Francisco Alves a partir da segunda metade do século XIX tenha contribuído efetivamente para consolidação de representações sobre o ensino na escola elementar. A circulação de suas obras fez também circular discursos pedagógicos e modelos de ensino. O que nos permite supor que, as sucessivas reedições de algumas dessas obras, quando analisadas em perspectiva histórica, pode dar-nos a conhecer elementos que participaram do processo de estruturação dos saberes escolares diversos.

A Livraria Francisco Alves, antes, Livraria Clássica, foi inaugurada em 15 de agosto de 1854, dia de Nossa Senhora da Glória, no Rio de Janeiro, tendo como proprietário o senhor Nicolau Antônio Alves. Francisco Alves de Oliveira, seu sobrinho

⁷ Entre os estudos cuja atuação da Livraria Francisco Alves constitui objeto de investigação estão as obras de Hallewell (2012), Bragança (2016), Razzini (2004).

assume em 1897 a direção plena da empresa (BRAGANÇA, 2016). Se, em um primeiro momento, a livraria voltara-se apenas para o atendimento do público escolar da Corte, no Rio de Janeiro, logo se tornaria, com a expansão do ensino, uma editora de livros escolares que viria a atender a vários estados do Brasil. Muito pode-se creditar a ascensão da livraria no cenário nacional à habilidade e *expertise* do seu editor Francisco Alves.

Atento as mudanças das normativas oficiais e suas exigências, em um tempo que o livro escolar passava a fazer parte do rol das determinações legais, Francisco Alves, se estabelece como um dos principais editores de livros escolares no Brasil a partir do início do século XX. Segundo Bragança (2016), Francisco Alves foi um dos primeiros editores em atuação no Brasil que soube compreender a importância do livro como produto cultural, e nesse sentido também como mercadoria sujeita as nuances do mercado.

Como editor e empreendedor, aperfeiçoa técnicas de fabricação, difusão e comercialização do livro. Suas estratégias são diversificadas: adquire pequenas livrarias e assume direitos autorais de obras importantes; amplia sua atuação com a abertura de filiais em São Paulo e Belo Horizonte; estabelece parcerias editoriais com livrarias em Portugal e França.

Não obstante seu tino empreendedor, Aníbal Bragança ainda chama a atenção para o fato de que o editor estava em sintonia com as questões educacionais e aspirações culturais de seu tempo. Escreve Bragança:

Pode-se afirmar-se que o êxito de Francisco Alves se deve à sua sintonia com as necessidades de leitura e as aspirações culturais de seu tempo [...] mas o que lhe dava o traço principal do caráter era seu Eros pedagógico, seu vínculo visceral com o ensino (BRAGANÇA, 2016, p. 53).

Outro elemento que certamente contribui para o sucesso da Livraria Francisco Alves refere-se às relações de amizade estabelecidas entre o editor e personalidades ligadas à órgãos oficiais. Lembre-se que em tempos de expansão da instrução pública,

o Estado, ao referenciar uma obra, credenciava seu uso no sistema de ensino. E nestes casos, quase sempre a autorização dos órgãos oficiais era estampada nas capas e primeiras páginas das obras. A chancela dos Conselhos Superiores de Ensino, órgãos responsáveis pelo credenciamento das obras, representava o reconhecimento oficial da qualidade pedagógica da obra. Sua vinculação nas edições publicadas se constituía também uma estratégia de propaganda, cujo objetivo era a venda da obra (BITTENCOURT, 2008).

Jornais e revistas pedagógicas, estas últimas quase sempre subsidiadas por recursos dos estados, cumpriam também o papel de divulgação das obras aprovadas pelos conselhos de instrução. Era ainda, prática dos autores “enviar um exemplar aos jornais, sendo que várias vezes, os elogios jornalísticos eram incorporados nas edições sequenciais dos livros” (BITTENCOURT, 2008, p. 86).

As relações próximas entre a iniciativa privada e o poder governamental, podem ser bem ilustradas quando tomamos como exemplo o “caso” Olavo Freire. A *Revista Pedagógica*, publicação oficial do governo, encarregada dentre outras tarefas, de publicar o catálogo de livros aprovados para uso das escolas públicas primárias, fazia também propaganda das obras e lugares de vendas da Livraria Francisco Alves (BITTENCOURT, 2008). Compunham a direção da *Revista Pedagógica*, órgão do *Pedagogium*, o diretor Menezes Vieira, o subdiretor secretário Felisberto de Carvalho, e o conservador Olavo Freire, todos escritores da Livraria Francisco Alves.

Igualmente a revista *A Escola Pública*, publicação da Secretaria de Estado dos Negócios do Interior em São Paulo tendo como membros da comissão de redação Oscar Thompson, Romão Puiggari e Joaquim de Sant’Anna, publica no espaço denominado “Bibliografia” a seguinte resenha de outro livro de Olavo Freire, também editado pela Livraria Francisco Alves: “dos conhecidos livreiros Alves & Cia, estabelecidos com casa filial nesta capital, recebemos uma coleção de sete cadernos de desenho para o curso elementar, organizado pelo inteligente e incansável Olavo Freire”(A ESCOLA PÚBLICA, 1896, p. 62-64) ⁸.

8 Lembre-se aqui que a abertura da filial da Francisco Alves em São Paulo em 1894, contou com a presença das maiores autoridades e de figuras

Estas e outras estratégias das editoras para fazerem circular suas obras, inserem-se no contexto do jogo de mercado e da consequente necessidade de conquista de consumidores para os seus produtos. Conforme aponta Bittencourt (2008), à medida que se aproximam as décadas finais do século XIX, o mercado consumidor de livros escolares aos poucos vai se tornar a principal atividade das editoras.

Como produto cultural, as obras passam a ser objeto de contratos minuciosos. Os acordos entre autores e editores passam prever cláusulas que tratam sobre os custos com editoração, propaganda, divulgação, números de tiragens etc. Alguns contratos estabelecem acordos entre as partes que dizem respeito à própria concepção da obra e do seu conteúdo.

É precisamente a respeito desses termos contratuais, que nos deteremos, a partir deste ponto. De maneira específica, interessa-nos analisar a produção editorial e circulação da obra *Primeiras Noções de Geometria Prática*, de autoria de Olavo Freire, tomando para análise os termos do contrato firmado entre o editor e o autor disponíveis no acervo da Livraria Francisco Alves⁹.

A circulação da obra em vários estados nacionais e a duradora presença no mercado editorial, indica que, à seu tempo, esta obra compunha um ideário escolar de ensino de geometria para curso primário. Assumimos como hipótese que sua circulação, no entanto, muito se deve aos termos contratuais estabelecidos entre o autor e o editor, como pretendemos demonstrar no próximo tópico.

CONTRATOS EDITORIAIS DA LIVRARIA FRANCISCO ALVES: O CASO OLAVO FREIRE

A trajetória pública de Olavo Freire, sua atuação como professor, conservador do museu pedagógico, autor de livros escolares, se estabelece em um momento em que a educação primária no país estava em expansão. Destaca-se, sobretudo, pela produção de livros escolares para o ensino elementar. Com ampla produção, Olavo

importantes da intelectualidade paulista e fluminense. Para auxiliá-lo na direção da filial, adquirindo posteriormente parte cotas da livraria, chamou o jovem engenheiro Maunel Pacheco Leão, filho de Theófilo das Neves Leão, filho de seu amigo pessoal, que chegou a ser Secretário Geral da Instrução Primária e Secundária na gestão Prudente de Moraes e figura referencial em ensino na época. (HALLEWELL, 2012; BRAGANÇA, 2016).

9 Como fontes foram utilizados os documentos sob guarda do Núcleo de Pesquisa Livro e História Editorial no Brasil – Lihed, da Universidade Federal Fluminense – UFF.

Freire se consolida com um grande sucesso de venda da Livraria Francisco Alves.

Embora aqui interessemo-nos pelas obras relacionadas ao ensino de geometria para a escola elementar, esse era apenas um dos temas tratados por Olavo Freire, e talvez não fosse a área de maior interesse do autor, a julgar pelos títulos de suas publicações pela Livraria Francisco Alves apresentados no Quadro 1.

QUADRO 1 – Obras de Olavo Freire¹⁰

OBRA	ANO
Aritmética intuitiva – curso elementar e médio	1908
Aritmética intuitiva – curso elementar 2ª edição	1910
Aritmética intuitiva – curso médio 2ª edição	1910
Aritmética intuitiva – curso complementar	1910
Pequeno atlas de geografia universal e especialmente do Brasil	1901
Cadernos de Caligrafia (coleção de 6 cadernos)	1896
Exercícios cartográficos (coleção de 4 cadernos)	1896
Geografia Geral	1921
Primeiras Noções de geometria prática 2ª edição	1894
Globo geográfico em português	1895
Mapa do Brasil para as escolas primárias	1894
Mapa do Brasil para escritórios e ginásio e escolas normais	1893
Mapas do Distrito Federal	1893
Mapa-planisfério terrestre	1894
Mapa do Estado de São Paulo	1913
Mapas do sistema métrico	1896
Método para o ensino de desenho – Col. 7 cadernos	1894

Fonte: Construído pelo autor a partir do catálogo de obras publicadas pela Livraria Francisco Alves – 1954

A frutífera parceria com o editor Francisco Alves rendeu a Olavo Freire livros de grande sucesso editorial. Dentre as obras publicadas, direcionadas ao ensino de desenho e geometria para escola primária, chama-nos a atenção o sucesso editorial de uma de suas primeiras publicações: *Primeiras Noções de geometria prática*¹¹ publicada em 1894 cujas reedições chegaram pelo menos aos anos 1960, quando registra-se a sua 47ª edição.

10 A sequência de exposição das obras foi preservada conforme consta no catálogo de obras publicadas pela Livraria Francisco Alves, publicação da Editora Paulo de Azevedo LTDA, em 1954. O documento pertence ao acervo do Lihed.

11 Conforme consta no catálogo de livros publicados pela Francisco Alves, a obra *Primeiras Noções de geometria prática* passa a ser publicada pela livraria a partir de sua segunda edição em 1894. Blake (1900) indica que uma primeira edição da obra tenha sido publicada em 1892 embora essa edição não tenha sido localizada. Uma suposição possível é a de que essa obra tenha sido publicada de forma independente pelo próprio autor anteriormente e depois tenha tido seus direitos adquiridos pelo editor Francisco Alves.

Uma questão parece-nos imediata quando tomamos para análise o catálogo das obras do autor Olavo Freire publicadas pela Livraria Francisco Alves apresentadas no Quadro 1. Porque não figura nessa relação, sendo elas também publicações da mesma editora, outros títulos do autor, notadamente a obra *Noções de geometria Prática* e a obra *Desenho Geométrico e noções de geometria*?

Não obstante, catálogos editoriais sejam por vezes publicações imprecisas, a ausência desses dois títulos não parece se tratar de um erro editorial da livraria Francisco Alves. Uma análise preliminar destes livros, embora indique alterações pontuais, revela se tratar de uma mesma obra, com títulos diferentes. O artifício de mudanças de títulos das obras fez parte do repertório das estratégias comerciais das editoras no período¹².

No caso em questão a análise do acordo firmado em cláusula contratual revelou tratar-se de direito adquirido pelo editor Francisco Alves. O livreiro, ao adquirir contratualmente o direito sobre os originais do autor, igualmente adquiriu o direito de proceder a transformações nas edições subsequentes. Lembra-nos Bragança (2016) que a reedição dos livros publicados pela livraria significava “custos menores que a primeira edição, não só de produção gráfica como também de propaganda e divulgação. O segredo está exatamente em saber escolher os originais, saber produzir os livros e saber lançá-los”(BRAGANÇA, 2016, p. 36).

Interessantemente, o que a análise dos contratos entre autor e editor nos leva a constatar é que, não só as mudanças de títulos, mas também a possibilidade de alterações na composição da obra estavam previstas nos termos dos contratos firmados, conforme atesta a transcrição do contrato estabelecido entre a Livraria Francisco Alves e Olavo Freire, para comercialização da obra *Primeiras noções de geometria prática*:

Escritura de 30 de outubro de 1894 no tabelionato Brita livro especial 29 fls. 64 vs. Para venda da plena propriedade do livro por 1200\$000 que recebe no ato. Os editores

12 Bittencourt (2008) indica que “uma das estratégias de venda dos editores foi o cuidado com os títulos. A introdução do termo “novo” nos títulos das obras escolares foi, e tem sido, uma das táticas mais usuais para facilitar a comercialização dos textos aparentemente inovadores mas que, na realidade são meras repetições dos mesmos livros”(Bittencourt, 2008, p. 83)

poderão publicar o livro como lhe convier e com o título que quiserem e o autor se obriga a não publicar mais sobre o mesmo assunto. Se o livro for adotado nas escolas públicas do Distrito Federal os editores pagarão ao autor como prêmio a quantia de 800\$000¹³ (grifo nosso)

Merece registro ainda a menção posta em contratos firmados pela editora referente aos pagamentos de premiações para os autores cujas obras fossem adotadas pelos Estados. Relativamente à obra *Primeiras noções de geometria prática* de Olavo Freire, em 1895, um ano após assinatura do contrato, o livro foi aprovado e premiado pelo Conselho de Instrução Pública do Distrito Federal (BLAKE, 1900). Essa, no entanto, não será a única indicação da obra em documentos oficiais. Olavo Freire aparece também como obra referenciada para o ensino elementar em normativas de outros estados como Paraná, Santa Catarina, Aracajú (D'ESQUIVEL, 2017).

Embora não estejam previstos neste contrato em específico, prêmios financeiros alcançados pelas obras em geral eram revertidos para o autor. Esses são os termos, por exemplo, do contrato firmado entre a Livraria Francisco Alves e Olavo Freire na compra dos direitos plenos de publicação da obra *Mappa do Systema Métrico* em 1896, no qual se prevê que “qualquer prêmio concedido pelo governo federal pertencerá ao autor”¹⁴.

Outro fato merece registro, comparados aos contratos editoriais estabelecidos pela Francisco Alves para publicação de livros escolares de outros autores da área, dentre eles os livros, *Elementos de Geometria* de Sabino da Luz (1895); *Curso de Geometria e Curso de trigonometria retilínea e esférica* de Timotheo Pereira (1888), *Desenho Geométrico (1909)* de Gregorio de Mello e Cunha, apenas os contratos firmados para a publicação das obras de Olavo Freire, estabeleciam “propriedade plena” sobre a obra¹⁵. O que concedia a cessão definitiva dos direitos sobre sua

13 Livros de contratos da Livraria Francisco Alves página 46, acervo do Núcleo de Pesquisa Livro e História Editorial no Brasil – Lihed, Universidade Federal Fluminense – UFF.

14 Livros de contratos da Livraria Francisco Alves página 46, acervo do Núcleo de Pesquisa Livro e História Editorial no Brasil – Lihed, Universidade Federal Fluminense - UFF.

15 Estes e outros contratos podem ser encontrados no Livro de Contratos pertencente ao acervo do Núcleo de Pesquisa Livro e História Editorial no Brasil – Lihed, Universidade Federal Fluminense- UFF.

publicação à Livraria Francisco Alves.

Se, para outras obras, cláusulas contratuais deveriam estabelecer números de tiragens, montante e condições de pagamento dos direitos autorais, previsão de despesas com custos gráficos e propaganda, etc., em relação às obras de Olavo Freire, cujo direito pleno de publicação pertencia à Livraria Francisco Alves, o editor estava desobrigado de tais minúcias contratuais.

Ressalte-se que, todas as obras assinadas por Olavo Freire, e não só as de desenho e geometria publicadas pela Livraria Francisco Alves, eram de plena propriedade do editor. Esta parece ter sido a forma contratual preferida pelas partes. Não é demais supor que, dadas as vantagens para o editor, a posse plena sobre a obra tenha influenciado a decisão editorial de promover dezenas de reedições de algumas delas.

As mudanças de título da obra *Primeiras noções de geometria prática* podem ser atribuídas às adaptações a legislação em vigor em cada período ou simplesmente ser creditada a intensão de novidade pretendida pela publicação e venda de uma nova tiragem. A partir dos livros encontrados nos acervos do Repositório Digital da História da Educação Matemática, do banco de dados de Livros Escolares Brasileiros - LIVRES e do Núcleo de Pesquisas Livro e História Editorial do Livro e da Leitura no Brasil - Lihed, foi possível estimar as mudanças de títulos por edições da obra, conforme apresentado no Quadro 2:

QUADRO 2 – Títulos e edições das obras de geometria de Olavo Freire¹⁶

Título	Edições (aproximadamente)	Ano de publicação (aproximadamente)
Primeiras Noções de Geometria Prática	2ª – 9ª	1894 -1920
Noções de Geometria Prática	10ª – 40ª	1920 - 1945
Desenho Geométrico e Noções de Geometria	41ª – 49ª	1945 - 1961

Fonte: construído pelo autor a partir dos livros encontrados no Repositório Digital de História da Educação Matemática da UFSC, Banco de Dados de Livros Escolares Brasileiros – LIVRES - USP e do Núcleo de Pesquisas Livro e História Editorial do Livro e da Leitura no Brasil – Lihed – UFF.

O acréscimo de novos problemas e exercícios a cada tiragem parece se constituir a novidade das sequências de reedições. De fato as novas edições, embora preservavam a estrutura: exposição do assunto, problemas (em geral resolvidos) e exercícios, indicavam sempre o acréscimo de um número cada vez maior de problemas e exercícios. Novidade sempre estampada na capa como mote para venda de uma nova edição.

Ao que parece, às sucessivas reedições da obra deveram-se muito a capacidade de seu editor de fazê-la circular. No entanto, é preciso ponderar que, não só estes fatores devem ser considerados para compreensão do sucesso editorial da obra de Olavo Freire, mas também o fato de que, ao que tudo indica os saberes de geometria propostos pela obra tenham encontrado aceitação pela escola elementar.

Se sua indicação por órgãos oficiais não garante por si só seu uso escolar, a relativa facilidade com que a obra pode ser encontrada nos dias atuais em sebos espalhados pelo país, dão-nos pistas de que a obra frequentou os bancos escolares. Assinaturas, anotações, indicações de instituições de ensino etc., são alguns dos elementos presentes nas edições analisadas para produção deste trabalho, que indicam apropriações da obra pelas escolas primárias, cursos normais de formação de professores e cursos técnicos.

¹⁶ Sobre o inventário produzido ressalta-se que não foram encontradas todas as edições dos livros de Olavo Freire. As aproximações foram possíveis a partir da análise de outros elementos como informações de editoração e tipografia ou ainda complementadas com consultas a informações digitais de sebos e livreiros.

A partir da década de 1940 começa figurar nos livros a indicação de um novo público alvo: as escolas profissionais e técnicas. Nesse sentido é sintomático o fato de que a expressão “Desenho Geométrico” apareça no título da obra. Seu ensino constitui parte importante na formação profissional das escolas técnicas.

Nas edições publicadas nos anos 1960 do livro de Olavo Freire, as menções elogiosas feitas a obra pelos jornais de 1894, já não estão mais estampadas nas primeiras páginas. Permanecem, no entanto, as admoestações do seu dileto amigo e mestre Menezes Viera postas no prefácio, como que para lembrar que ainda frequentam o presente, aqueles que o tempo insiste fazer esquecer.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Retome-se aqui a citação preambular que principia este estudo, retirada da obra de Roger Chartier. Ela contém a hipótese fundamental que orientou a produção desse artigo, qual seja: “livros, sejam manuscritos ou impressos, sempre são resultado de múltiplas operações que supõem uma ampla variedade de decisões” (CHARTIER, 2014, p. 27). Procuramos para os fins desse trabalho analisar os processos complexos que engendraram a produção editorial do livro *Primeiras noções de geometria prática* de autoria de Olavo Freire.

A premissa de que livros não existem fora de sua materialidade, orientou as análises desenvolvidas. Consideramos para este trabalho os aspectos diversos que concorreram para o nascimento dessa obra, buscando entender como as relações estabelecidas entre autor, editor e instituições participaram da sua produção e circulação. De maneira específica tomou-se para análise os contratos editoriais estabelecidos entre a livraria Francisco Alves e o autor Olavo Freire.

Considerado na perspectiva das estratégias editoriais de ampliação de atuação no mercado, o caso “Olavo Freire” parece sintomático: processos editoriais que transformam escritos em produtos participam a sua maneira da própria escrita do

livro. Embora a ação do editor que dá forma material ao livro não seja o único elemento a ser considerado quando se analisa a produção e circulação de uma obra, constatou-se que, tampouco pode-se negligenciar seu papel.

Editores fazem ideias circularem, sem sua ação seria bem provável que escritos permanecessem em âmbito privado e com circulação restrita. O cruzamento dos dados constantes dos contratos assinados entre editor e autor, com as publicações das edições do livro *Primeiras noções de geometria prática*, revelou que a ação estratégica do editor se constituiu em fator decisivo para a grande circulação e longevidade da obra.

Por fim, os contratos editoriais e os catálogos das publicações da Livraria Francisco Alves, documentos aqui tomados como fontes para as análises, apontam para a potencialidade dos acervos das editoras como possibilidades de desenvolvimento de pesquisas no campo da História da Educação Matemática. Tais documentos, ao lançar luz sobre os processos de produção do livro escolar, podem igualmente iluminar as investigações sobre circulação de ideias, métodos e modelos para o ensino de matemática.

REFERÊNCIAS

- BARRA, Sérgio Hamilton da Silva. A Impressão Régia do Rio de Janeiro e a colonização dos sertões na construção do novo império português na América (1808-1822). *Topoi* (Rio J.), Rio de Janeiro, v. 16, n. 31, p. 442-464, Dec. 2015. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2237-101X2015000200442&lng=en&nrm=iso. Acessado em 04 Mar. 2018. <http://dx.doi.org/10.1590/2237-101X016031004>.
- BASTOS, Maria Helena Camara. Ferdinand Buisson no Brasil-Pistas, vestígios e sinais de suas ideias pedagógicas (1870-1900). 2000. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/127191>. Acessado em: 25 de dezembro de 2017.
- BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. Livro didático e saber escolar, 1810-1910. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.
- BLAKE, Augusto Victorino Alves Sacramento. In: Dicionário Bibliográfico Brasileiro - 1883-1902. Rio de Janeiro: Typographia Nacional, Conselho Federal de Cultura, 1900. 6 v.
- BRAGANÇA, Aníbal. A política editorial de Francisco Alves e a profissionalização do escritor no Brasil. In: ABREU, Márcia (org). *Leitura, História e História da Leitura*. Campinas: Mercado de Letras/Fapesp, p. 451-476, 2000.
- _____. Rei do Livro: Francisco Alves na História do Livro e da Leitura no Brasil. São Paulo: Edusp, 2016.
- CHARTIER, Roger. A mão do autor e a mente do editor. São Paulo: Editora UNESP, 2014.
- D'ESQUIVEL, Márcio Oliveira. Sobre os saberes geométricos: o que dizem as produções do GHEMAT em seminários temáticos? In: Anais XV Seminário Temático: Cadernos escolares de alunos e professores e a história da educação matemática, 1890-1990 Pelotas – Rio Grande do Sul, 29 de abril a 01 de maio de 2017, Universidade Federal de Pelotas. Disponível em: http://xvseminariotematico.paginas.ufsc.br/files/2017/03/DESQUIVEL_T2.pdf. Acessado em: 20 de dezembro de 2017.
- FREIRE, Olavo. Primeiras noções de geometria prática. 9ª edição. Livraria Francisco Alves: Rio de Janeiro, 1907.
- Haidar, Maria de Lourdes Mariotto. O ensino secundário no Brasil Império. São Paulo: Edusp, 2008.
- HALLEWELL, Laurence. **O livro no Brasil: sua história**. 3. ed. São Paulo: Edusp, 2012